

Iris de Moura

Maria Toninha

e a profecia dos humanos-cetáceos



LABCMA

Maria Toninha

e a profecia dos humanos-cetáceos

Iris de Moura

LABCMA
São Paulo
2023

© 2023 - Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos

Todos os direitos reservados. Este ebook não poderá ser reproduzido, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios sem permissão expressa por escrito pelo autor. Por ser um ebook gratuito, sua venda é terminantemente proibida. Estimula-se o compartilhamento ao maior número possível de recipientes. Em caso de uso educativo e sem fins comerciais, os devidos créditos são solicitados à autora do texto e à autora das ilustrações compartilhadas neste ebook.

Texto

Iris de Moura

Ilustrações

Sabrina Raphaela Silva Santos

Diagramação

#entremarés 

Este livro é mais um produto de extensão cultural do Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos, do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. É uma produção independente que atende aos anseios da Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021 – 2030), declarada pela Organização das Nações Unidas, cujas perspectivas visam a mobilização de recursos e inovação tecnológica em ciência oceânica para entregar à sociedade um oceano limpo, saudável e resiliente, previsível, seguro, produtivo e explorado sustentavelmente, e com acesso aberto aos dados, informações e tecnologias.

Sobre o livro

Esta é uma estória de ficção escrita como atividade avaliativa da disciplina “IOB0164 – História de Vida e Conservação de Cetáceos”, ministrada no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (IOUSP) pelo professor Marcos César de Oliveira Santos no 1º semestre de 2023. Após uma revisão junto ao professor Marcos e diagramação feita por Leandro Coelho, “Maria Toninha e a Profecia dos Humanos-Cetáceos” também é um material de extensão cultural produzido pelo Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos (LABCMA) do IOUSP.

A intenção desta estória é explorar a forma como os seres vivos estão conectados uns aos outros, mesmo que essas conexões sejam, muitas vezes, difíceis de enxergar para nós humanos. O mundo foi tão modificado pelas mãos de nossa espécie que ficou difícil perceber que existia um equilíbrio entre as outras que também estão aqui, como as toninhas, e que a presença delas é essencial para os outros seres vivos, incluindo os próprios seres humanos. Esses pequenos cetáceos estão ameaçados de extinção e, lendo esta estória, você terá um vislumbre da importância de proteger as toninhas. Com esperança, você também sairá desta leitura conhecendo alguns outros cetáceos que ocorrem aqui no Brasil.

A obra foi escrita com a intenção de ser lida por qualquer pessoa curiosa pelo assunto, mas também pode se adequar em sequências didáticas do Ensino Médio. Considerando a Base Nacional Comum Curricular (2018), “Maria Toninha e a Profecia dos Humanos-Cetáceos” poderia ser usado nos seguintes cenários: Competência Específica 1: Habilidade EM13CNT105; Competência Específica 2: Habilidades EM13CNT202, EM13CNT203 e EM13CNT206; e Competência Específica 3: Habilidade EM13CNT303.

Antes de ler esta estória, talvez seja oportuno você se perguntar se já ouviu falar das toninhas ou de outros cetáceos que ocorrem aqui no Brasil. E, se não, por que será que sabemos tão pouco sobre animais incríveis que ocorrem em nosso país, ou mesmo sobre como são ameaçados pela forma como o ambiente natural é explorado? Há muitas coisas que não sabemos, e mais ainda que precisamos aprender se queremos um futuro para humanos e todos os outros organismos que existem na Terra. Espero que esta leitura te traga curiosidade e esperança, além de vontade de contribuir para um mundo melhor.

Sobre as autoras

Criar sempre fez parte de mim. Pequenas estórias são parte da minha rotina há mais tempo do que consigo me lembrar e, por muito tempo, minha grande e única vontade foi ser escritora. Porém, quando entendi que esse seria um caminho difícil e precisava escolher alguma profissão mais “pé no chão”, a Biologia começou a me interessar cada vez mais por ser uma forma de explorar o mundo que transcendia a minha imaginação. Entender o mecanismo curioso da reprodução das angiospermas, os tipos de vírus... Era um desafio, uma fonte inesgotável de mistérios. A Biologia pareceu um prato cheio para a minha imaginação e, depois, se transformou em uma forma de tentar contribuir para a sociedade através daquilo que posso aprender e transmitir, para além das estórias que posso criar.



Hoje, construo uma caminhada em busca de me tornar bióloga e professora, acompanhada sempre pela fantasia e pela criação, que fazem, primordialmente, parte de quem eu sou. Minha maior intenção na Ciência é mostrar como os seres vivos estão conectados e dependem uns dos outros, propagando assim a importância da conservação da biodiversidade. A partir desses estímulos, nasceu esta estória. Eu não imaginava que conseguiria unir ficção e ciência, mas aqui estou: tentando balancear as duas forças que me movem.

Iris de Moura Viana



Eu descobri que gostava de desenhar antes de descobrir que gostava de Biologia, mas um dia fiquei sabendo que gostava dos dois. Desenhar é por hobby, pra comunicar como eu vejo algumas das coisas do mundo e também pra saciar uma parte que só gosta de riscar e ver algo surgir disso. A Biologia é por um certo fascínio pelos seres vivos e a infinidade que há neles e ao seu redor. A conversa entre esses dois eixos, pra mim, é juntar o útil ao agradável, e é também por causa disso que gosto de pensar que tanto a Biologia quanto desenhar se enquadram como úteis e agradáveis.

Sabrina Raphaela Silva Santos

Sumário

Capítulo 1: Maria conhece o mar	9
Capítulo 2: Parte de um ecossistema	17
Capítulo 3: Quando a Natureza revida	23
Capítulo 4: A profecia	31
Epílogo: Humana e cetáceo	43

A watercolor illustration of a flower with several petals in shades of light blue, medium blue, and purple. The background is a soft, light blue gradient. The text is centered over the flower.

Maria conhece o mar

Maria conhece o mar

O sol do meio-dia caía sobre os trabalhadores do barco, enquanto Maria Antônia se protegia dos raios com o seu chapéu. Apesar do inverno, era difícil o sol não brilhar no litoral.

Entretanto, era pouco claro para Maria Antônia como ela tinha ido parar ali. Na verdade, ninguém parecia saber — quando Maria chegou ao porto naquela manhã, os pescadores questionaram a patroa sobre qual motivo a levou a querer navegar com eles. Ela não sabia bem o que dizer, então apenas comentou que gostaria de ver de perto o trabalho de todo mundo, como se aquilo fosse normal. Seu pai, por outro lado, nunca pisou num barco de pesca, mesmo que tenha trabalhado na enorme empresa de pesca industrial Martins & Cia por cinquenta dos seus oitenta anos de vida.

Se fosse para ser sincera, Maria Antônia não tinha a mínima ideia do que estava fazendo. Ela era CEO de uma empresa gigantesca há duas semanas e não podia ter menos noção de onde estava pisando. Desde que tinha se formado, trabalhava na área de contabilidade da empresa, mas no fim das contas ela sabia pouco sobre pesca. Quando descobrirem que seu pai tinha registrado em seu testamento a vontade de que ela fosse a nova presidente, ninguém entendeu nada. Mas como ela desejava que, em sua gestão, a empresa continuasse sendo grandiosa como quando seu pai a comandava! Todos os dias, ao acordar, ela se questionava se seria capaz de tal feito.

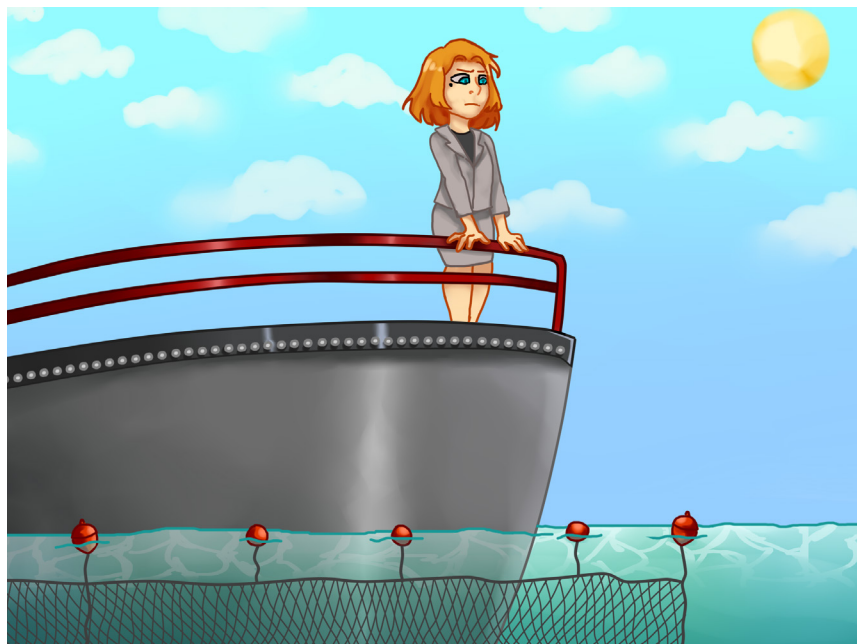
Maria tirou o chapéu por um momento, querendo ver melhor tudo ao seu redor. O céu estava tão azul que lhe doía os olhos. Cercando-a por todos os lados, o mar era um mistério que ela estava tentando desvendar.

Nem um milhão de anos numa faculdade de administração a preparariam para o que estava por vir. Ao passo que Maria não sabia o que fazer com tamanha responsabilidade em suas mãos, a Natureza estava prestes a demandar sua atenção.

É extremamente divertido, caro leitor, contar esta história, uma vez que sei de tudo o que vai acontecer. Mas vamos nos ater aos fatos que temos no momento.

Maria ainda estava perto da proa do barco, em silêncio, com sua mesma expressão séria de sempre, como seu terninho cinza. Observando os barcos ao redor, ela notou que as redes de emalhe já estavam na água há algum tempo. Era estranho para Maria ter trabalhado por tantos anos em uma empresa de pesca sem saber como aquelas redes funcionavam.

As redes de emalhe são compostas por panos longos que ocupam um caminho inteiro no mar, capturando tudo o que puderem à sua volta – como uma enorme parede à frente dos seres marinhos, mas uma parede que flutua e se mexe com a corrente.



Antes que pudesse ter mais um pensamento, Maria olhou para cima e viu que o céu estava escuro. As nuvens se adensaram e mudaram de cor de repente, enquanto um vento forte abraçou o barco.

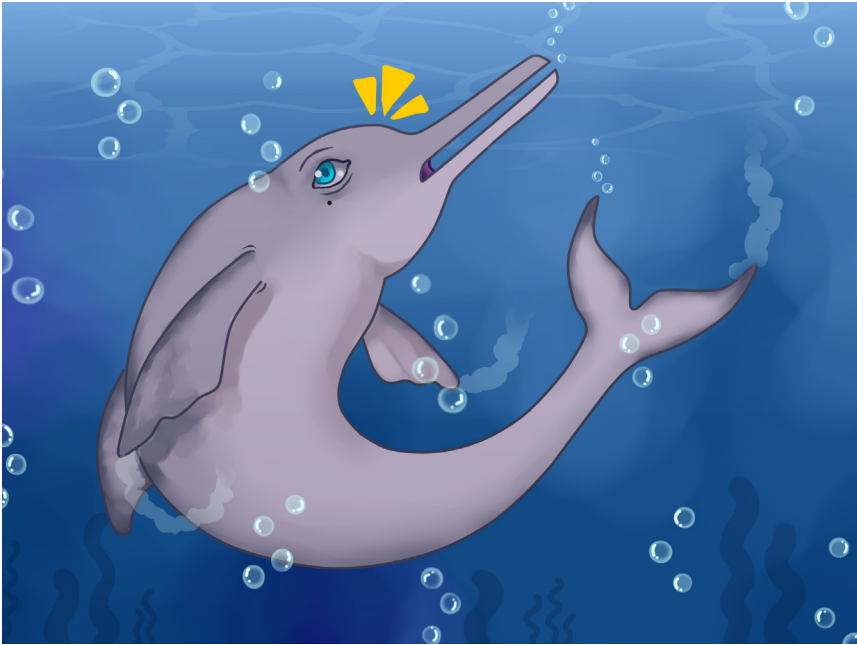
Comigo, a história foi bem parecida. Quer dizer, só a parte da tempestade. Diferente da Maria, que estava num grande barco e em um terninho de grife, eu estava mergulhado no Rio Tapajós. Eu passava as férias com meu tio em Santarém, no Pará, e em todos os verões era a mesma coisa: eu tinha um projeto na minha mente de tornar todos os botos-cor-de-rosa que eu via ali meus melhores amigos. Eles pareciam os seres mais incríveis da face da Terra com suas cores vibrantes e todo o formato hipnotizante de um golfinho. Em viagens para outras regiões, eu até via um tucuxi ou outro às vezes, mas nenhum animal tinha o meu coração como os botos-rosa. No fim, meu plano deu um pouco certo, mas não do jeito que eu esperava.

Acima de Maria, uma imensa tempestade se formava. O céu inteiro estava num cinza escuro, iluminado por relâmpagos assustadores. O vento passava ao redor de Maria e, quando ela tentou alcançar seu chapéu que agora voava, se viu caindo do barco. Mas não foi uma queda comum: foi como se alguma mão imaginária a tivesse agarrado e puxado para dentro da água. Aquela era a mão da Natureza, eu sabia bem.

Maria Antônia tentou manter a calma enquanto caía, lembrando-se de que sabia nadar muito bem desde os dez anos de idade. Sentiu seu corpo atingir a água fria e buscou forças para retornar à superfície e berrar por ajuda. Mas, de repente, ela não conseguia ver mais nada. Quer dizer, ela até via algumas coisas, mas tudo meio borrado e sem cor. Seu campo de visão estava completamente diferente, como se seus olhos agora estivessem nas laterais de sua cabeça. Os seus braços também não estavam do mesmo jeito, parecendo agora menores. Ela não tinha mais duas pernas, e sim uma nadadeira caudal.

E, Minha Nossa, ela conseguia SENTIR tudo ao seu redor. E era tão diferente! Como eu, Maria Antônia agora tinha a capacidade de ecolocalização. É algo como um sexto sentido que nós, cetáceos odontocetos, temos: conseguimos perceber os objetos ao nosso redor através dos ecos. Morcegos também têm isso. Mas Maria não era um morcego. Também não era uma sereia, mesmo que isso tenha passado pela sua cabeça por um instante.

Maria Antônia, em menos de meio segundo, tinha se transformado em uma toninha.



Dos cetáceos, acho que a toninha é um dos meus favoritos. Depois do boto-cor-de-rosa, é claro. As toninhas são cetáceos amarronzados e que, por isso, conseguem se camuflar bem em águas turvas. Assim como as demais toninhas da Baixada Santista, Maria também era muito pequena, com cerca de um metro e 20 centímetros de comprimento, algo que pode estar ligado às águas contaminadas dessa região. Considerando a pequenez da toninha, aliada à sua nova coloração, agora, nenhum pescador nos barcos conseguia ver qualquer sinal da Maria, apesar de terem procurado. Mas lá estava ela: petrificada debaixo d'água, com a certeza de que não era mais um ser humano.

Maria Antônia – ou, agora, Maria Toninha – retornou à superfície para respirar, surpresa com o fato de que aquele pequeno animal que tinha se tornado conseguia expirar e inspirar tão rapidamente. Apesar disso, a respiração não era automática como quando ela era humana: ela precisava decidir ir respirar e subir até a superfície para isso. Tudo em sua nova forma a surpreendia: o aparente “bico” que ficava entre seus olhos, a rapidez na respiração, a péssima visão, os ecos que agora criavam um mapa de seus arredores, a sensação de que tinha uma nadadeira em suas costas...

Nesse momento, senti necessidade de intervir e me comuniquei com ela através da conexão de mentes que todos os humanos-que-viraram-cetáceos têm:

— Oiii, Maria Toninha! Aqui é o José. Sou um boto-cor-de-rosa. Pode me chamar só de Boto, se quiser.

Normalmente, eles ficam surpresos nesse momento. Pois é, um boto-cor-de-rosa que é meio humano existe mesmo, apesar de, tecnicamente, eu não ser mais humano. Preferi a forma de boto. É bem mais interessante. Também me sinto mais bonito.

— Você vai ter que ficar voltando à superfície para respirar, ou vai morrer. Falei diretamente.

— Você virou uma toninha. Pode pensar nela como um golfinho bem pequeno e com o rosto, essa parte que você mentalmente chamou de “bico”, bem longo. Você deve ter notado que agora tem uma nadadeira caudal também, além de uma nadadeira dorsal que fica nas suas costas e duas nadadeiras peitorais, que eram seus braços antes. É engraçado: você ficou quase da cor do terninho que estava usando! Vou te enviar mentalmente uma imagem do animal que você virou.

Mentalizei uma toninha e soube que Maria conseguia vê-la também. A mente da nova toninha estava em um turbilhão.

— O quê?

Era a pergunta principal que rodeava seus pensamentos.

— É isso mesmo. E esse... como eu explico... o jeito que agora você sabe onde as coisas estão através dos ecos... vai te ajudar a achar alimento e fugir dos predadores quando precisar! Confia nele! É seu superpoder de odontoceto.

Eu sempre tento explicar a ecolocalização de um jeito não muito complexo logo de início, na esperança de que os novos odontocetos consigam apenas acreditar em seu novo sentido. De fato, era algo diferente do que nós humanos (ou ex-humanos) conhecemos.

— Por que eu não vejo nada?

— Você é uma toninha. As toninhas têm a visão bem ruim mesmo.

— Deixa eu ver se entendi: eu sou tipo um golfinho?

— É mais ou menos isso. Você é uma toninha. As toninhas são cetáceos, um dos tipos de mamíferos aquáticos. Fazem parte do grupo dos odontocetos, que são os cetáceos com dentes e incluem vários tipos de golfinhos e também as orcas. O outro grupo de cetáceos são os mysticetos, as baleias, que não têm dentes na boca e sim barbatanas, que são estruturas que peneiram pequenas presas como camarões e pequenos peixes.

— Eu achava que a orca era uma baleia...

— Pois é, muita gente acha; mas ela é um odontoceto e, por isso, é parente mais próxima dos golfinhos. Os dentinhos dela são uma graça!

— O que tá acontecendo? Por que eu escuto a sua voz dentro da minha cabeça?

Ela começou a se irritar, confusa com todas as novas informações sobre o tipo de organismo que era e, também, estranhando o fato de agora ter uma voz na sua cabeça.

— Bem, você por acaso me ouviu dizer que sou um boto-cor-de-rosa? Não me diga que não conhece o folclore brasileiro! É quase tudo verdade, sabe. Mas, enfim, eu também era um humano e virei um cetáceo. Por isso, nós temos essa conexão mental. Estarei por aqui, na sua cabeça, te acompanhando nessa jornada.

— Então você não está... aqui... fisicamente?

Maria se mexeu. Seu instinto humano a levava a tentar ver com seus olhos o que estava ao seu redor, embora isso já não resultasse no mesmo sucesso de quando ela era humana. E mesmo que ela tentasse me encontrar usando a ecolocalização, jamais me acharia ao seu lado.

— Não. Estou bem aqui, são e salvo no meu rio secreto na Amazônia. Você pode pensar que eu trabalho em home office, se ajudar. E eu sou um golfinho de água doce. Nós não nos envolvemos com todo esse sal que vocês lidam por aí no mar.

— Então, que sorte a minha! Me transformei em uma toninha e agora estou aqui, sozinha, no mar? E tenho uma voz na minha cabeça?

— Você nunca está sozinha no mar, Maria. E, de todo modo, estou aqui com você. Posso te ajudar no que for preciso e te explicar aquilo que precisar saber. Não ache que a distância geográfica entre a Baixada Santista e a Amazônia é grande coisa. Eu vejo e sei de tudo que você vê.

Maria Toninha ficou em silêncio, confusa como eu esperava que estivesse. As perguntas sobre o que tinha acontecido, o que tinha se tornado e como, quem sabe, voltar a ser quem era, se misturavam com todos os estímulos ao seu redor. O barulho da costa, as embarcações partindo ao redor, os trovões, os novos ecos...

— Por que faz tanto barulho?

Ela perguntou, exausta.

— É a poluição sonora. Isso é difícil de se acostumar. Nós, odontocetos, e também os mysticetos, nos orientamos e nos comunicamos pelos sons. Praias e cidades são bem barulhentas e nos perturbam bastante, sem contar todos os barcos...

Maria lembrou-se de quando estava no barco: o mar parecia silencioso, um mistério, como uma outra dimensão. Era ingênuo da parte dela não ter pensado que a embarcação em que estava, além das outras de sua empresa que compunham a frota, causavam tanto alarde neste ambiente que anteriormente parecia pacífico.

— Como eu volto ao normal?

Maria questionou.

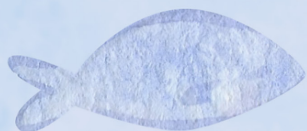
— Não posso falar ainda! Mas aproveita. É uma oportunidade única.

Maria notou que o barco que a trouxera até ali já estava longe, chegando à faixa de areia. Ela fechou seus pequenos olhos de toninha, tentando organizar seus novos sentidos. Estava com fome e, apesar de não saber o que as toninhas comem, se deixou guiar por seu novo sentido dos ecos, que mostrava a ela o tamanho e a distância de tudo ao seu redor. Era uma nova forma de ver o mundo, a humana-toninha pensou.

Me desliguei da mente dela, pois já passei por isso muitas vezes e sei que eles ficam dependentes se a gente ajuda o tempo todo. Mas eu ainda tinha muito a dizer, além daquilo que Maria Toninha, inevitavelmente, acabaria descobrindo por si só.



Parte de um ecossistema



Parte de um ecossistema

Maria nadou, experimentando algo que jamais poderia ser replicado em uma de suas aulas de natação. Havia alguma coisa especial sobre ser um animal marinho, sobre sentir a água ao seu redor, bem como o substrato de areia, as inúmeras ilhas, as formações rochosas e os diferentes seres marinhos que partilhavam de seu novo mundo. Era tão fácil pertencer ao mar!

Nadar sendo uma toninha também era mais fácil do que nadar sendo humana: era como se o seu corpo fosse inteiro adaptado para o mar. Expliquei para Maria que esse é o caso para uma toninha: sua nadadeira caudal ajuda em seu deslocamento na água, ao mesmo tempo que a nadadeira dorsal atua no equilíbrio e a ajuda a lidar com as correntes marítimas. As nadadeiras peitorais, que antes eram seus braços, auxiliam na orientação no espaço, bem como nas interações com outros de sua espécie.

— Então, você disse que os cetáceos são mamíferos?

Ela me perguntou, depois de fazer um milhão de perguntas diferentes que eu não respondi. É bem cansativo ser um mentor.

— Sim, como os humanos. Mas, diferente deles, os cetáceos retornaram ao mar em algum momento de sua história evolutiva.

— Sorte a dos cetáceos. Eu gosto tanto do mar...

Após algumas horas nadando e depois de eu indicar espécies de peixes que são as favoritas das toninhas, Maria estava maravilhada com o mar. Ela pensava, contente apesar da confusão, que talvez essa fosse uma solução dos céus para ela: viver como um animal marinho!

Ela podia ficar ali para sempre, e nunca mais voltar para um mundo assombrado pela ausência de seu pai. No mar, Maria não teria que pensar sobre a empresa, sobre o que significa ser uma CEO. Poderia deixar seus ecos a guiarem pelo resto de sua vida!

Eu me entretia com todas as possibilidades de um futuro marinho que borbulhavam na mente de Maria. Porém, eu também sabia muito bem que havia objetivos por trás daquela experiência que ela ainda desconhecia. Apesar de o encantamento com o mar talvez a ajudar a notar algumas coisas, outras precisavam ser explicadas a ela. Principalmente a importância ecológica e os serviços ecossistêmicos – coisas que eu gosto de chamar de “trabalhos feitos de graça” – oferecidos pelos cetáceos.

— Você consegue perceber todas as coisas que faz quando nada, Maria Toninha?

— Bom, depois que você explicou, consegui notar a diferença na função das nadadeiras.

— Ah, mas tem muito mais além disso. A sua presença aqui, da sua espécie, muda tudo para os outros organismos que também vivem aqui.

— Mesmo?

— É claro. Só por se mover, você ajuda a espalhar nutrientes para as algas marinhas que fazem parte do fitoplâncton, que é o alimento de vários outros seres marinhos, e a base de muitas teias alimentares.

— Uau! Não imaginava.

Maria tentou prestar atenção aos seus arredores enquanto nadava.

— Pois é. Você e outros cetáceos são conhecidos por serem os jardineiros dos oceanos. Até porque, ao se alimentarem e excretarem, estão transportando nutrientes do fundo do mar para a superfície.

— Nunca pensei nisso. Lá na empresa estou acostumada a só... cuidar de detalhes que acho que nem fazem diferença.

— Bem... aqui no mar, tudo está conectado. Tudo é reaproveitado. E todas as coisas voltam para você, eventualmente, de alguma forma.

— Mas eu estava pensando... estou comendo peixes que poderiam estar sendo pescados. Não seria melhor para a pesca e para os humanos se eu não estivesse aqui?

— Se você não estivesse aqui, se alimentando desses peixes e controlando o tamanho das populações deles, talvez haveria mais peixes num primeiro momento. Mas esses peixes precisariam de mais recursos do mar, como alimento. Com isso, dada a abundância de peixes e a quantidade inalterada de alimento para eles, eventualmente nem todos conseguiriam se alimentar. O desequilíbrio seria enorme, até nenhum peixe conseguir sobreviver.

Ela ficou chocada com o fim.

— Cada ser presente em um ecossistema tem uma função direta em manter a diversidade das espécies. Os cetáceos, de maneira geral, além de fazerem jardinagem, ajudam a controlar a existência de vários componentes das muitas teias alimentares que fazem parte desse ecossistema.

— Entendi...

— Sem contar que, perto da quantidade de peixes que são pescados, aqueles que você e outros cetáceos comem é mínima. E nem todas as espécies de peixes que você se alimenta são consumidas pelos humanos.

— Faz sentido...

A antes maravilhada Maria agora estava em silêncio, tentando absorver todas aquelas informações. Eu sei que é muita coisa de uma vez só, mas eu tenho apenas um dia para explicar uma nova forma de ver o mundo aos humanos-odontocetos.

— E, mesmo depois de sua morte como toninha, o seu corpo retornará ao fundo do mar e servirá de alimento para outros seres.

Maria se impressionou. Ela não imaginava que tantos seres pudessem estar assim, unidos em um equilíbrio, e a falta de um poderia condenar os outros.

— Sem você aqui, quem poderia fazer tudo isso?

Eu questioneei, por fim.

— Acho que... outras toninhas?

Então, fiz a pergunta que entendi ser a mais importante em todo aquele processo de descobrimento para Maria:

— E se não tivesse outras toninhas?

Nosso diálogo via telepatia foi interrompido por uma agitação que assustou Maria. Ela já estava começando a instintivamente temer embarcações, como outras toninhas. Vários barcos cheios de turistas se aproximaram de uma vez e só então eu me lembrei: era inverno. Não devia demorar para aparecer alguma baleia por ali, como as baleias-franca-austrais ou as baleias-jubarte, que visitam a costa brasileira nessa época.

No inverno, esses mysticetos migram para cá para reprodução, após um período de alimentação nas regiões polares e subpolares. Maria, com seu novo sentido dos ecos, conseguiu notar a aproximação de algo grande, muito grande mesmo: era uma baleia-franca com o seu filhote recém-nascido.

A pequenez de uma toninha era engraçada de observar, se comparada à grandeza de uma baleia-franca: as baleias-franca podem chegar até cerca de 16 metros quando adultas. Ou seja, uma baleia-franca é do tamanho de mais de 13 Marias Toninhas!

— É uma baleia, né?

Maria questionou.

— Sim, uma baleia-franca-austral.

— Acho que já vi uma. Consegui detectar algo ao lado dela...

— É o filhote dela. Deve ter poucas semanas.



Eu conhecia aquela baleia-franca e gostava de chamá-la de Jasmim. Ao lado de Jasmim, estava seu pequeno filhote, que eu ainda não havia nomeado. Juninho pareceu um bom nome. Mas essa intimidade com os misticetos era fingida: eu sou apenas o treinador de humanos-odontocetos novos, enquanto uma simpática baleia-jubarte, a Lua, treina os humanos-misticetos novos. De uns tempos para cá, tem muita gente virando cetáceo, um negócio bastante difícil de administrar.

Maria se afastou de Jasmim depressa após admirar sua passagem. A toninha também tomava o cuidado de se manter distante dos turistas em barcos ao redor, que faziam um barulho ensurdecedor. Toda vez que o barulho a perturbava de novo, o que era quase o tempo inteiro, ela mergulhava para o mais fundo que conseguia para fugir da algazarra. E, enquanto isso, pensava em quando era ela que estava no barco e outras toninhas que estavam debaixo d'água.

— Todos os animais marinhos ouvem tudo isso?

Ela me perguntou.

— Eu sei mais de cetáceos. Nós ouvimos, sim. Isso é uma das coisas que faz a gente se distanciar da costa ou mergulhar, como você tem feito.

— E quais são as outras?

Maria estava curiosa.

— Ah, tem muitas. Humanos, basicamente. O atropelamento de cetáceos não é algo raro. É bem comum no caso das jubartes, que costumam chegar perto demais de embarcações e às vezes não são vistas, e aí são atropeladas. Isso gera mutilação das nadadeiras, ou pode até levar à morte. Quanto mais barcos no mar, pior é, seja pelo barulho ou pela chance de se machucar.

A toninha ficou em silêncio. Eu soube que eram informações demais para ela absorver, como sempre acontece quando começamos a pensar sobre algo que jamais tínhamos imaginado antes. Maria Toninha estava tão aflita quanto quando era humana e tinha que administrar uma empresa inteira. Ela sequer conseguia imaginar um cetáceo sendo atropelado. Como essas coisas podiam acontecer de verdade?



The background features a soft, watercolor-style illustration of several overlapping leaves. The leaves are rendered in a palette of light blues, purples, and pinks, with a delicate, painterly texture. They are arranged in a vertical, fan-like pattern, with some leaves pointing upwards and others downwards, creating a sense of depth and movement. The overall color scheme is gentle and ethereal.

Quando a Natureza revida

Quando a Natureza revida

Maria nadava desanimada para distante da costa. Aquilo era longe para uma toninha: o alto mar costuma ser mais visitado por outros cetáceos, como as orcas. As orcas viajam bastante e, em geral, suas visitas ocasionais à costa brasileira ocorrem no verão. Porém, perto da Maria, nadava uma orca. Eu nunca deixava de me maravilhar pelo padrão de preto e branco do corpo delas.

Eu estou nesta Terra – ou nesta água – há tempo suficiente para ter acompanhado a história das orcas que, por muito tempo, foram temidas e odiadas, conhecidas ampla e incorretamente como “baleias-assassinas”. Mas a verdade é que nem todas as populações de orcas se alimentam de baleias.

Além do mais, nenhum cetáceo é um assassino, segundo o que os humanos entendem como assassino: todos estão simplesmente tentando viver e buscando seu alimento. A orca já foi muitas vezes colocada na mídia como ameaça para os seres humanos, mas uma verdade é certa: o ser humano não faz parte da preferência alimentar de nenhum animal. Eles têm seus pratos preferidos, sabe, e, definitivamente, o ser humano não é um deles!

Além disso, algo que pude aprender com o tempo é que se uma orca ou qualquer outro animal está ameaçando de alguma forma um humano, é porque ele a perturbou. Em meus anos como boto, aprendi que não devemos culpar os animais por reagirem quando, de uma hora para outra, seu lar é invadido e finca-se ali uma bandeira humana.

Quando a Natureza revida, ela sempre tem um motivo.

Mas, bem... uma orca já tinha sido vista se alimentando de uma toninha no litoral brasileiro. Maria não morreria até aprender sua lição, mas eu não queria nenhuma intriga com minhas adoradas “orquinhas”. Então, intervi mais uma vez na jornada de Maria Toninha:

— Maria? Nade para mais perto da costa, ok?

— Por que, Boto?

— Tem uma orca aí para onde você está indo. Nem todas se alimentam de animais de sangue quente, mas é melhor não arriscar.

— Ah, as orcas são tão lindas! Eu queria chegar perto de uma...

Maria tinha um tom sonhador.

— Não seria algo muito bom, não. Não é melhor a gente só deixar os animais no cantinho deles? Você agora é uma toninha, mas ainda parece uma humana, querendo fazer carinho em quase todos os animais que vê!

Maria Toninha pareceu desconcertada e passou um momento em silêncio antes de voltar a falar:

— É... pensando bem... todo o barulho já é tão chato. Imagina alguém do seu lado falando mais alto ainda, querendo encostar...

— Pois é. Acho que você entende bem agora. Chegar perto de animais selvagens, sejam eles quais forem, é ruim para todo mundo: animais e humanos...



Quando percebi, já estava tagarelando, como sempre acontece ao chegar nesse assunto.

— Isso pode torná-los mansos com o tempo. Esse tipo de contato também pode interferir no comportamento dos animais selvagens e fazer eles se aproximarem, cada vez mais, dos seres humanos... e nem todos os humanos têm boas intenções. Também, pode fazer com que eles deixem de procurar comida, se forem alimentados por humanos. E... bem... acidentes com a gente também podem acontecer...

— Você fala como se já tivesse vivido algo assim de perto, Boto.

Aquela toninha era bem espertinha.

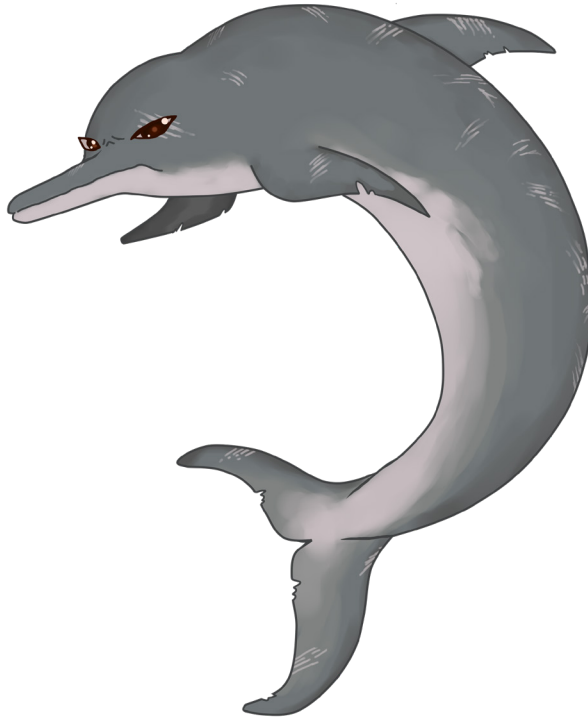
— Não importa. Eu já vi de tudo neste mundo, toninha. Não tem nada que eu não saiba.

Eu quis fugir do questionamento de Maria. Aquelas palavras que eu agora transmitia para ela foram parte da lição que eu aprendi quando virei cetáceo. Quando eu era humano, eu era exatamente o tipo de pessoa que ajudava a tornar os meus queridos botos-cor-de-rosa menos ariscos. Somente mais tarde descobri que tudo o que eu fazia podia se voltar contra os animais que eu mais amava. Era amargo pensar nisso, olhando para o passado depois de tantos anos.

Fiquei em silêncio, enquanto Maria se distanciava daquela orca, ocupada cuidando de sua vida. Era curioso observar como, quando um novo humano-cetáceo ou uma nova humana-cetáceo surgia, magicamente ocorriam encontros com outros cetáceos. Era quase como se diferentes espécies viessem checar o novo integrante do grupo.

Maria retornou para mais perto da costa, alimentando-se de peixes e lulas e cada vez mais habituada ao novo jeito de respirar. Enquanto isso, Reginaldo, um boto-cinza que eu tinha cuidado ano passado, se deparou com ela e se aproximou com alegria. Reginaldo se transformou em condições parecidas com as de Maria. Porém, ele era um pescador e não uma empresária de terninho. Assim como eu, ele quis continuar um cetáceo para sempre. Era um tanto quanto raro, mas alguns faziam a melhor escolha.

Os botos-cinza, comuns no litoral paulista, tendem a não gostar de outros cetáceos. Mas Reginaldo era diferente: logo de início notou que a condição de Maria se parecia com a dele e quis se aproximar.



Um boto-cinza é pouco maior que uma toninha, com cerca de dois metros de comprimento. Não é incomum que também tenham risquinhos na pele, que são marcas de dentes deixadas por outros de sua espécie.

Observando os dois nadando, eu consegui notar que um desastre estava prestes a acontecer. Mas não pude dizer nada, pois Maria precisaria daquele momento para entender algo crucial sobre a sua influência na vida dos cetáceos. Eu não podia ficar dando minhas palestras sobre ecologia e minhas lições de moral o tempo todo: eles precisavam viver algumas coisas de perto.

Assim, entendi ainda melhor a escolha da Natureza de transformá-la em uma toninha. Tudo se encaixava. Seu destino estava selado. Um episódio como aquele poderia mudar a maneira como Maria usaria seu novo poder. Poderia acordá-la ainda mais para uma realidade que antes estava longe de sua consciência.

Reginaldo se aproximou mais e, apesar de não conseguir vê-lo bem, Maria notou sua presença através da ecolocalização. Como eu, ele falou dentro da cabeça dela:

— Oi! Você também era humana, né?

— Como você sabe? Por que agora tem várias vozes assim dentro da minha cabeça?

— É assim que nós, humanos que viramos cetáceos, nos comunicamos.

A voz de Reginaldo ainda soava como um sorriso. Eu tinha saudade dele. Era como se fosse um filho que foi morar longe. Na verdade, era como se todos os humanos-odontocetos fossem meus filhos, de alguma forma.

— É um prazer conhecer você!

Reginaldo continuou falando, com sua simpatia de sempre.

— Não é todo dia que a gente vê uma toninha com uma pinta no rosto.

Maria não tinha se dado conta até então, mas a pinta que tinha no rosto quando era humana permanecia no rosto de seu eu-toninha.

— Você sabe por que a gente virou cetáceo?

— Sei, ué. Você não?

— Não!

Maria se animou com a possibilidade de finalmente desvendar o mistério.

— Me explica, por favor!

— Ah, é uma história longa. Começa com o José boto-cor-de-rosa...

Toda a atenção de Maria se voltou para Reginaldo: ela estava faminta por explicações! Mas, antes que pudesse se apegar a qualquer palavra do boto-cinza, Maria notou que algo não estava certo. De início, parecia que tinha alguma coisa presa ao redor da sua cabeça. Conforme ela se mexeu, percebeu que era ainda pior: seu corpo inteiro parecia aprisionado. Por um instante, ela se questionou se seu novo sentido parou de funcionar, deixando de avisá-la sobre a aproximação daquilo, seja lá o que fosse. Ela estava se transformando de novo em humana? Tinha virado o jantar de algum ser marinho? O que estava acontecendo? Quanto mais Maria se movia, menos saía do lugar e mais envolta ficava na parede móvel que se estendia ao redor dela.

Maria não soube, de início, e não encontrou clareza conforme ficava cada vez mais sem ar. Mas eu e Reginaldo vimos claramente, desde o início, a captura acidental daquela pequena toninha. Isso é algo que, como o nome diz, acontece por acidente. Nenhum pescador queria que Maria estivesse na rede; os alvos eram outros animais. Entretanto, em diferentes regiões do planeta, isso ocorre com frequência — principalmente no Brasil e com as toninhas.

A rede de pesca, agora, limitava qualquer movimento da Maria. Ela não teve escapatória antes de encontrar a rede e, muito menos, depois de envolta por ela. As toninhas não conseguem detectar as redes de pesca e, dado que aquela era uma rede de emalhe, com metros e metros de profundidade, era praticamente impossível escapar. Ela não conseguiria nem que quisesse muito voltar à superfície para respirar.

O boto-cinza estava incrédulo, sem saber o que fazer. Ele, que sempre era um doce, me buscou mentalmente com tanto ódio na voz que eu quase não o reconheci:

— Então, é assim que termina, José? Você não pode estar falando sério...

Eu não podia respondê-lo, pois meu envolvimento nessas situações se limita até o ponto em que a Natureza escolhe. Não havia nada que eu pudesse fazer ou dizer, se o destino de Maria já estava selado.

Eu conseguia sentir por nossa conexão mental como Maria já estava ficando sem ar. Eu sabia que ela não ia morrer ali, porque os humanos-cetáceos têm alguma resistência a esse tipo de ocorrência, para que consigam acordar e entender em que mundo estamos todos metidos. Mas, talvez, ela tenha morrido sim, por um instante, como tantas outras toninhas.

Reginaldo, em luto mais uma vez por uma captura acidental de um cetáceo e com muita raiva de mim, nadou para longe ao ver Maria ser puxada para fora da água. A toninha continuava se debatendo, na tentativa desesperada de escapar de sua sina.



A profecia



A profecia

Maria acordou num sobressalto, notando, de início, que não estava mais no mar, apesar de haver água ao seu redor. Havia uma luz branca acima dela e uma mulher de jaleco à sua frente, observando-a com atenção. A toninha se sentia fraca, com uma dor forte em sua nadadeira peitoral direita e em seu rosto. A moça, de aparência imponente, a observava atentamente.

— E a toninha, Letícia?

Alguém perguntou ao longe, fazendo com que aquela moça virasse seu rosto. Seu nome então deveria ser Letícia, Maria pensou. Os sentidos de Maria estavam confusos. Era muita luz e muito barulho. O novo recinto em que estava não se parecia em nada com a imensidão do mar. Era muita coisa para entender e, não conseguindo processar quase nada dos seus sentidos de toninha, ela se atentou às palavras humanas que ainda conseguia reconhecer. Ela ainda tinha algo de humano, afinal.

— Acordou. Você fez ótimos curativos nela.

Letícia olhou para o rosto e para uma das nadadeiras peitorais de Maria, além de observar, momentaneamente, a sua nadadeira caudal. Só aí a toninha percebeu que estava com mais uma ferida ocasionada pela maneira como a rede de emalhe se amarrou ao seu redor.

— Que bom! Ainda não acredito que ela tá viva.

A outra voz respondeu a Letícia.

— Nem eu.

Letícia suspirou.

Maria não conseguia acreditar em muitas coisas, começando pelo fato de que tinha se transformado em um pequeno ser marinho. Ela não acreditava que tinha feito “jardinagem” no oceano, que tinha comido peixes e, só por isso, transportado nutrientes... ela tinha mesmo falado com um boto-cinza? Ela tinha uma voz na sua cabeça que se dizia o boto-cor-de-rosa? Como podia ainda estar viva depois do sufoco que tinha passado?

— Foi muita sorte você ter achado ela com vida, Lê. Os pescadores também te chamaram bem rápido. Logo ela melhora.

A toninha se distraiu do diálogo dos dois humanos e começou a refletir sobre tudo que tinha acontecido, nem um pouco acostumada com a surpresa de ainda estar viva. Então, Maria começou a listar mentalmente tudo que poderia acontecer, como se estivesse falando consigo mesma:

— Ok, então, agora preciso focar em ficar bem para voltar ao mar. E fazer minha jardinagem. E falar com o boto. E ser livre no mar ou... talvez... virar humana de novo? Não sei bem. Várias opções. Ser toninha era bem legal até eu quase ter morrido...

Maria parou de fazer sua lista quando notou um silêncio estranho ao seu redor. Bem quando pensava estar finalmente sozinha em sua mente de novo, ela percebeu que talvez estivesse errada. A toninha soube disso quando viu Letícia observando-a com seus olhos castanhos arregalados.



Em seus quinze anos como bióloga, já tendo visto todo tipo de animal marinho e todo tipo de maldade humana com eles, e visitado centenas de baías e enseadas... nenhum ser não-humano tinha falado com Letícia.

Mas ali estava uma toninha, claramente ocupando um lugar em sua mente para comunicação. Quando ouviu a toninha fazer algum tipo de lista consigo mesma, tendo pensamentos inegavelmente humanos, ela não acreditou. E acreditou muito menos quando, dentro de sua cabeça, ouviu uma voz doce dizer:

— Você tá me ouvindo? Que olhar estranho...

A toninha machucada não abria a boca para falar, mas falava dentro da mente de Letícia.

Letícia sabia que Renato, seu colega de laboratório, a zoaria pelo resto de sua vida se escutasse ela falando com a toninha. De toda forma, como alguém que já tinha cuidado de outros animais feridos, ela sabia que devia evitar falar com os animais em processo de cura, pois isso poderia dificultar o retorno para seu habitat natural. Mas, dessa vez, Letícia não conseguiu evitar um sussurro:

— Sim. Eu consigo.

Os olhos de Maria brilharam. De verdade. Foi uma gracinha.

— Uau. Isso é novo.

Ela estava animada com a ideia de falar com uma humana. Só queria desesperadamente voltar para casa!

— Eu sou a Maria!

— Letícia.

Foi tudo o que a humana respondeu.

— Eu era humana, sabe.

A toninha explicou.

— Não sei por que virei uma toninha. Não posso negar, é um jeito de levar a vida bem interessante...

Maria continuava tentando iniciar um diálogo, embora Letícia não fosse nada responsiva. A cientista custava a elaborar frases e tinha a certeza de que tinha enlouquecido de vez.

Sim, Letícia concordava com Maria que as toninhas eram muito interessantes. Elas também eram os cetáceos que Letícia mais via morrer nos últimos tempos. A cientista fazia seu pós-doutorado com história de vida de toninhas e, constantemente, recebia toninhas mortas para estudar. Era algo importante para a sua pesquisa, pois, investigando os indivíduos que foram capturados acidentalmente em operações de pesca, ela conseguia respostas sobre a alimentação, a reprodução, como se dá o nascimento e o desenvolvimento de indivíduos dessa espécie, dentre vários outros detalhes que eram os mais instigantes. Porém, não deixava de ser triste saber como as toninhas estavam cada vez mais ameaçadas pela pesca.

— Eu quero tanto voltar a ser humana...

Maria se lamentou, como se aquilo fosse impossível.

Sim, também era verdade que, por alguns momentos, Maria Toninha tinha cogitado uma vida inteira como toninha, sem preocupações mundanas. Era fácil se apaixonar pelo mar e por como, lá, é fácil pertencer. Mas ela não podia negar: apenas estar em terra firme animava a humana-toninha, como se estivesse mais perto de sua casa. Além do mais, ela desejava retornar à sua vida e reunir todos os seus aprendizados em uma nova forma de fazer seu trabalho. Mesmo antes de saber de mais coisas que ela ainda aprenderia naquela experiência, Maria já tinha suas intenções transformadas pela sua temporada como toninha.

Letícia observava Maria e se surpreendeu ao se ouvir dizer, antes mesmo de poder questionar mais ainda sua sanidade:

— Uma amiga minha achou que podia falar com um boto-cinza há um tempo.

A cientista fez uma careta que se transformou num meio sorriso.

— Ela me contou uma história bem estranha...

— Bom, qual a história?

Maria Toninha questionou.

— A cada ano, um humano se transforma em um cetáceo. Isso acontece por causa de uma profecia bastante antiga, que começou com a transformação de um boto-cor-de-rosa lá na região da Bacia Amazônica. Quando alguém está interferindo demais na vida de algum grupo de cetáceos, essa pessoa vira um deles. Era bastante raro, mas tem ficado cada vez mais frequente, conforme as condições de vida dos cetáceos pioram.

Essa era a “profecia dos humanos-cetáceos”, na íntegra. Era divertido assistir alguém contando uma história que eu sempre era encarregado de contar - mas, por alguma razão, soube desde o início que dessa vez não precisaria.

Desde que conheci Maria, através da carta de apresentação enviada pela Natureza no dia anterior, algo me disse que esse caso seria mais fácil de lidar. Imaginei apenas que Maria seria tranquila, simpática ou algo assim... não estava nos meus planos que ela esbarraria em uma cientista que já tinha convivido com a profecia de perto. De fato, a Natureza às vezes age de um jeito que nem eu, seu primeiro filho humano-cetáceo, consigo compreender por completo.

Maria ficou em silêncio. Ela ainda não conseguia entender bem qual era o seu papel em tudo aquilo.

— Em geral, as toninhas na sua situação morrem mesmo...

Leticia disse e depois deu um suspiro profundo.

— Eu já vi isso acontecer muitas vezes. Não é por mal, mas não sei como você sobreviveu.

— Mas eu não entendo por que isso acontece... Por que as toninhas e os demais cetáceos não evitam as redes de pesca?

Maria repensou sua fala no momento em que terminou de dizê-la. Ela mesma não conseguiu ver a rede que a pegou, nem a sentiu com a ecolocalização. Nada ao redor dela indicou uma ameaça, antes que ela se visse emaranhada e sem qualquer chance de ir buscar ar puro na superfície. Leticia pareceu notar o desconforto da toninha com as suas próprias palavras.

— Qual o seu nome? De humana, quero dizer.

Leticia questionou.

— Maria Antônia Villa Martins. Eu sou, ou melhor, era, a nova CEO da Martins & Cia. Você deve nos conhecer...

Leticia conhecia muito bem. Era uma das maiores empresas de pesca do litoral paulista, ou até do Brasil. A cientista era incapaz de contar quantas toninhas falecidas tinham sido trazidas para ela depois de serem acidentalmente capturadas por redes de pescadores que trabalham para essa companhia.

— É interessante que esteja aqui, Maria, quando a sua empresa é uma das contribuintes para a situação de possível extinção das toninhas que poderá acontecer em breve.

— O quê? Extinção? Mas o que eu tenho a ver com isso?

Maria Toninha questionou, assustada.

— A captura acidental, o evento que te trouxe até aqui, ameaça a existência das toninhas. Como você sabe, elas não conseguem detectar a rede de pesca e, com isso, acabam sendo capturadas e morrendo por asfixia.

Letícia explicou melhor do que eu jamais poderia.

— Quanto mais barcos de pesca onde há toninhas, mais há captura delas e mais perto elas estão da extinção. Isto é, de sumirem da face da Terra. Para sempre.

— Mas na minha empresa isso nunca acontece...

Maria começou a falar e interrompeu a si mesma. Aquilo não era algo que ela podia afirmar com certeza. Verdade fosse dita, ela jamais se importou com nada disso. Ela se preocupava em cuidar das papeladas de contabilidade da empresa e nada mais.

Letícia suavizou sua expressão. Eu teria ficado com raiva, mas aquela cientista tinha a paz de quem explicava a mesma coisa milhares de vezes, em busca de ser ouvida pelo menos uma. Ela disse para Maria de forma singela, mas firme:

— Como não? Eu conheço os pescadores que trabalham para você. Você, inclusive, foi capturada acidentalmente por uma rede de emalhe de sua própria empresa.

Um silêncio ensurdecedor tomou conta do recinto. Maria estava assombrada. Sua expressão de toninha não era diferente de antes, mas eu sentia pelo agito de seus pensamentos como aquela foi uma dolorosa revelação para ela.

— Mas eu... eu nem sabia que isso...

— Como não sabia?

Letícia perguntou.

— Você não imaginava que a pesca afeta o ambiente marinho?

— Sim, é claro, eu sabia, mas essas questões nunca fizeram parte do meu trabalho na empresa. Sou presidente há duas semanas e tudo ainda é bem confuso. Eu não tinha noção de tudo isso.

Eu notei, pela postura de Letícia, que ela tinha dificuldade de acreditar naquelas palavras.

Normalmente, grandes empresários como a Maria têm plena consciência daquilo que estão fazendo com a natureza em prol de um empreendimento bilionário. Mas, dentro da mente da Maria, eu sabia que ela não tinha a mínima noção do que estava fazendo.

— Você deveria se informar mais sobre tudo isso, senhora Maria.

Letícia falou.

— Imagino que, na sua empresa, se alguém pudesse tomar alguma atitude em prol de ajudar a evitar a extinção das toninhas, seria você.

— Se eu conseguir voltar a ser humana eu vou fazer algo. Preciso ajudar de alguma forma a evitar a extinção das toninhas.

Nesta exato momento, Maria se lembrou de quando eu perguntei a ela “E se não tivesse mais toninhas?”. Tudo fazia sentido agora.

— O boto-cinza que a minha amiga conheceu conseguiu voltar a ser humano. Mas ele teve que dar algo em troca.

Letícia finalmente falou.

— O quê? O que eu posso fazer para ser humana de novo?

Maria perguntou para Letícia.

— Você tem que prometer que, de onde está, fará algo para tornar a vida dos cetáceos melhor. Principalmente as toninhas, que é o cetáceo em que você se transformou.

Letícia afirmou, mais ciente de todo o processo do que qualquer outro humano que eu já tinha conhecido.

— Isso mesmo.

Eu concordei com Letícia. Ela franziu o cenho, estranhando poder ouvir minha voz também. E logo perguntou:

— Quem mais eu consigo ouvir?

E eu, sem muito tempo para contar uma longa história, tentei sintetizar tudo em uma fala pequena:

— Olá, Letícia, sou o José, um boto-cor-de-rosa e o primeiro humano-cetáceo da profecia que você mencionou. Sim, ela é real. Mas eu não tenho como te contar detalhes agora. Me desculpe.

Admito que também estava com um pouco de preguiça. É algo muito complicado, sabe, trabalhar no ramo das profecias. Assim, voltei a falar com a Maria.

— Mais especificamente, Maria, a sua missão é tomar alguma atitude para ajudar a evitar a extinção das toninhas. Considerando a sua empresa, acredito que você realmente pode fazer algo importante para ajudar nisso. As toninhas e todos os outros cetáceos... eles têm tanto direito de estarem aqui, vivos e bem, quanto os humanos.

Letícia olhava para Maria com esperança, especialmente enquanto disse:

— Não sei o quanto de fato preciso fazer um discurso em prol de convencê-la. Acho que sua vivência deve ter te ajudado a perceber algumas coisas. E, bem, um boto-cor-de-rosa que por um momento acho que falou como deve ter te dito várias coisas também...

Maria tentava organizar todas as novidades em sua mente, unidas às expectativas sobre como ajudar a evitar a extinção das toninhas.

— Sim. Realmente. É tudo diferente agora... eu sei quem são esses animais. Sei como a sua existência muda tudo. Eu queria tanto saber de tudo isso antes...

Outro momento de silêncio percorreu a sala e a mente de Maria. Eu precisava dar a ela a outra opção também.

— Você também pode ser uma toninha para sempre, se preferir. Mas acho que seria especialmente importante ter você como humana ao lado da proteção das toninhas.

Eu falei apenas para ser justo e para ela entender bem todo o processo. Maria Toninha sempre quis voltar a ser humana. E reiterou isso, com os olhos brilhantes de expectativa:

— Eu quero voltar a ser humana. E eu prometo que vou fazer o que estiver ao meu alcance para melhorar a vida das toninhas!

Assim que Maria deixou clara a sua espontânea promessa, uma névoa furta-cor rodeou o corpo da toninha que, pouco a pouco, se transformou novamente em humana. Ela voltou a ter dois braços e duas pernas, cobertos por seu terninho cinza que agora estava arruinado. Letícia ajudou Maria a sair da pequena piscina em que ela estava, ainda sem acreditar no que tinha acabado de testemunhar.

— Bem, Maria, é claro que não seria fácil assim.

Voltei a falar com Maria, fazendo questão de que Letícia pudesse me ouvir também.

— Palavras são só palavras. A gente precisa ver o impacto do que você está fazendo. Se não cumprir com a promessa, você voltará a ser uma toninha e sem uma segunda chance de retorno à vida humana. Essa missão agora é sua pelo resto de sua vida. Honre o fato de ser uma humana-cetáceo. Poucos têm essa chance.

— E você tem muito poder nas mãos, Maria.

Letícia reafirmou, mais convicta de que tudo o que estava acontecendo era real.

— Eu sei bem que as toninhas precisam de muitas ações para serem salvas da extinção. Ações governamentais inclusas, as mais difíceis de irem para a frente. Mas acredito que você pode ajudar, de alguma forma. Mesmo.

Maria sorriu para Letícia ao ouvi-la dizer essas palavras. A cientista, então, apresentou para Maria o pequeno laboratório em que fazia suas pesquisas. Com Renato, ela também trabalhava ajudando na reabilitação de animais marinhos machucados. Maravilhada com tudo aquilo, Maria virou para ela, decidida.

— Minha primeira ação vai ser ajudar você. Sua pesquisa.

— Ajuda monetária é sempre bom. Tem muita pesquisa sobre cetáceos, incluindo as toninhas, que ainda precisa ser feita.

Letícia respondeu, lisonjeada.

— Mas eu quero mesmo é que você faça algo pelas toninhas, diretamente. Eu quero ver menos toninhas mortas toda semana. Estou cansada de saber que elas estão condenadas à extinção, enquanto não são tomadas medidas efetivas para a sua proteção.

Maria então perguntou, cheia de esperança:

— O que você sugere que eu faça?

Letícia não queria ter que dar todas as respostas. Também era função de Maria, como gestora, se informar sobre os impactos da pesca industrial na vida das toninhas e de outros cetáceos.

— Que você estude e se informe sobre os impactos da sua pesca sobre a manutenção do equilíbrio do ecossistema marinho, e, especificamente, sobre como a pesca contribuiu para tornar as toninhas ameaçadas de extinção.

— Mas eu quero fazer alguma coisa logo!

Maria insistiu, ainda com dificuldade em se equilibrar em suas duas pernas.

— Eu passei tanto tempo da minha vida sem saber o que fazer, sem pensar sobre o que estava fazendo... agora eu sei que quero ajudar as toninhas. Você, como profissional, me diga o que acha que seria melhor para as toninhas. O que seria melhor para aquela versão minha toda machucada de quase agora?

Letícia tinha tanto a dizer. Ela pensava em muitas coisas que Maria poderia fazer, mas escolheu uma que achou suficientemente audaciosa.

— Você não pode mais pescar onde tiver toninha. É isso. Pesca e toninhas, juntos, não dá. É condenar as toninhas.

Maria piscou os olhos rápido, impactada. Precisaria rever o modelo de negócio de uma empresa de décadas de idade. Era algo grande. Mas ela estava inteiramente disposta e, embora não soubesse exatamente como aquilo se desdobraria, olhou para Letícia com coragem e disse:

— Sim. Eu farei tudo que estiver ao meu alcance.

— Imagino que você passou por muita coisa. Se quiser, pode sempre vir aqui para conversarmos. Estou disposta a entrar nessa com você, se você puder me ouvir. Sempre a ouvirei também. Podemos chegar nas melhores respostas para as toninhas juntas.

Letícia sorriu. Maria também. A antiga toninha suspirou, com os olhos marejados. Ela não conseguia parar de lembrar daqueles momentos de aflição enquanto estava na rede de emalhe, enrolada, sem ar...

— Eu faria qualquer coisa para nenhuma toninha passar pelo que passei naquela rede de emalhe.

A humana, que era primeiro humana, e então toninha, e então humana de novo, começou a chorar copiosamente diante de Letícia.

— Então, estamos no mesmo time.

Letícia respondeu, comovida pelas palavras de Maria, e consolou sua nova aliada.

Senti a minha conexão com a Maria se dissipar mais a cada segundo. Agora, eu poderia apenas observá-la de longe, com a esperança de que ela tivesse crescido, de alguma forma, através do que eu me esforcei para ensinar. Eu sempre fico ansioso ao libertar um humano-cetáceo ou uma humana-cetáceo de volta para o mundo, por não saber quais decisões eles tomarão no futuro. Mas sempre carrego a esperança de que, agora, este humano sabe que, de alguma forma, pode tomar uma atitude na busca por melhorar a qualidade da vida na Terra.

Em tantos anos como mentor, eu percebi um padrão muito claro nos humanos, reconhecendo-o também no humano que eu costumava ser: eles sempre acham que não têm nenhum poder para transformações positivas e altruístas. Mas, com a minha experiência como mentor de uma profecia entre humanos e cetáceos, eu entendi algo que a Natureza quer de nós: um pouco de coragem. Se você quer saber, cara leitora e caro leitor, é mais simples do que parece tentar mudar alguma coisa no mundo. É só saber que o verdadeiro poder é aquilo que fazemos com o que temos no lugar em que estamos.





Nas palavras de Maria, o que significou ser uma toninha

Humana e cetáceo

Humana e cetáceo

Nas palavras de Maria, o que significou ser uma toninha

Eu me pergunto o que meu pai diria se eu contasse que, em um belo dia, eu virei uma toninha. E que eu fui uma toninha por algumas horas, até não ser mais, apesar de haver algo em mim que nunca vai deixar essa experiência para trás.

A transformação acabou, eu voltei para a minha casa em uma carona dada por Letícia e olhei para o mesmo apartamento cor-de-gelo de sempre. Todas as coisas perfeitamente paradas no mesmo lugar que deixei ao sair, enquanto eu era uma bagunça por dentro.

Charles, meu gato, sabe de muito mais coisas do que qualquer outro ser vivo e acho que, ao me ver chegar, notou algo de diferente. Mas, bem, Charles é um gato: momentos depois de me cheirar e me observar com atenção em seus grandes olhos azuis, ele deu as costas e foi se lamber em seu banco perto da janela, iluminado pelos últimos raios de sol. Tudo estava normal de novo. Mas eu nunca mais seria a mesma.

Então eu tentaria explicar: “Pai, veja bem: hoje eu descobri como nós, humanos, estamos condenando as toninhas através da forma desenfreada como exploramos o ambiente marinho. Eu descobri que quando nós pescamos, não só os peixes de valor comercial vêm na rede. Você sabia disso?”

O que eu diria, o que eu pensaria, se ele me dissesse que sabia, e só seguia com a vida munido dessa noção? Como é possível saber que a maneira como a pesca está estabelecida no litoral brasileiro pode levar à extinção de um pequeno cetáceo e não fazer absolutamente nada, mesmo sendo dono de uma empresa de pesca?

Ainda me sentindo uma estranha em minha casa, me olhei no espelho, esperando encontrar alguma parte do que eu era quando fui um cetáceo. Apenas minha pinta estava lá, onde sempre estive: ela sobreviveu a toda essa loucura e, junto a Letícia, podia ser considerada uma testemunha. Como eu queria poder ter me visto no espelho quando era toninha! Mas eu via o mundo com olhos diferentes: os ecos, os sons, a maneira como tudo se move diferentemente no mar... Era tão estranho ter sido, em vida, dois seres tão diferentes, com duas formas de viver tão difíceis de serem comparadas.

Eu cozinhei um jantar insosso, pensando em como aquilo não era nada parecido com me alimentar no mar sendo uma toninha. Lá, eu transportava nutrientes para os outros animais e para as algas marinhas ao comer ou até mesmo ao me mover; aquele jeito estranho de fazer jardinagem só pelo fato de existir. Ser humana pareceu, depois de ser cetáceo, não pertencer a um ecossistema.

Sozinha e atormentada com essa sensação, enviei uma mensagem para Letícia. Ela, com seu tom sábio e equilibrado de sempre, me respondeu:

— Na verdade, Maria, nós, humanos, fazemos parte de um ecossistema. Esse ecossistema é a Terra. A prova disso é como nós estamos transformando ela com ações predatórias como a sobrepesca, o uso de pesticidas na agricultura, o desmatamento, o excesso de lixo, o uso de energia não renovável, a poluição sonora... pode não ser fácil ver a sua influência no mundo da mesma forma que você viveu e sentiu quando você era uma toninha, mas acredite: estamos todos no mesmo barco e tudo que você faz reflete nos outros seres. E, é claro, volta para você um dia.

Fiquei em silêncio, sacudida por todas aquelas informações. Era quase como ser uma toninha de novo e descobrir a maneira como elas também mudam tudo no lugar em que estão só por existirem. Finalmente, respondi Letícia após um suspiro profundo:

— Eu não sei o que fazer com tanta responsabilidade, Letícia, agora que entendo um pouco sobre onde estamos e o estrago que causamos.

Ela ficou em silêncio por um momento também. Eu sabia como aquele era um comentário difícil de responder. Alguns segundos depois, Letícia disse:

— Eu também não sei direito. Mas eu sei que você sempre pode agir de alguma forma para tornar este planeta menos inóspito. O estrago que você causa retorna, mas as coisas boas que faz se propagam e, quem sabe, podem voltar também. Quem sabe a gente não seja extinto! E o mundo não acabe!

Ri de Leticia que, vez ou outra, fazia isso de dizer coisas bastante fatalistas em tom de brincadeira. Eu me pergunto como explicaria para alguém como a conheci, caso o assunto viesse à tona. “Ah, foi naquela vez em que eu virei um golfinho!”. E então eu falaria sobre como é ser um odontoceto e fazer ecolocalização, que a orca não é baleia, que os cetáceos são jardineiros do oceano... se não fosse pela Leticia, eu não acreditaria de jeito nenhum que virei uma toninha de verdade. Tudo soaria como um sonho febril.

Após algumas semanas revendo o plano de negócios da empresa, lá estava eu na grande sala de reuniões. Meu terninho azul pareceu bom para a ocasião: ele me lembrava do mar e dos motivos que me faziam estar ali, na frente de todos aqueles homens descrentes, que me chamariam de maluca na primeira oportunidade. E, talvez, tudo que eu estava prestes a propor soaria como maluquice, frente à maneira como nós permanecemos estagnados diante daquelas questões antes da minha transformação. Só quando me transformei em cetáceo e, por consequência, me transformei como humana, eu pude perceber: era tudo tão maior, e nós damos tão pouca importância para coisas que deveriam ser preocupações paralisantes. Como viver sem pensar nos impactos que causamos aos outros seres? Como não levar isso em conta ao fazer nossas escolhas?

O plano ainda era embrionário, embora eu soubesse que contaria com a contribuição de alguns colegas próximos, com quem tinha compartilhado a ideia. Todas as discussões que tive com Leticia antes daquela reunião estavam na ponta da minha língua. Olhei nos olhos de cada um dos meus colegas ao sentenciar que não, nós não pescaremos mais onde tiver toninhas. Iremos, também, monitorar a ocorrência desses e de outros animais marinhos capturados acidentalmente em nossas operações de pesca. Nossos funcionários receberão a proposta de trabalharem com limpeza de praias, educação ambiental e reciclagem, novas áreas às quais a empresa destinará esforços e recursos. E não só isso: uma nova linha de produção será criada na empresa, focada na confecção de redecos.

Leticia me explicou que esse projeto começou em 2019, em uma empresa de sustentabilidade aos oceanos chamada Marulho, sediada na Ilha Grande, no Rio de Janeiro. As redecos são sacolas e ecobags feitas a partir de redes de pesca encontradas no mar como lixo marinho, muitas vezes à deriva e ceifando vidas inocentes. Elas também são originadas de redes de emalhar que não foram mais usadas pela pesca, que é o caso específico das redecos da minha empresa. Assim, são opções ótimas para substituir sacolas plásticas, que se tornaram um problema quase sem solução no mundo inteiro, por se transformarem em uma forma de poluição que não para de crescer.

Eu passei a enxergar melhor muitas coisas depois que voltei a ser humana. Principalmente depois de estudar um pouco sobre modelos de negócio menos abrasivos ao meio ambiente, eu comecei a perceber mais o lixo ao meu redor quando ia à praia, e também notar a constante presença de pedaços de plástico pelas ruas nas minhas caminhadas.

Nos últimos meses, também estudei sobre projetos como a manufatura de redecos e ecobags e a diferença que o uso de sacolas e outros utensílios reutilizáveis podem fazer, sobretudo em grande escala. A cada novo aprendizado que eu tentava aplicar no modelo de negócios reformulado, eu me perguntava: será que agora a minha empresa teria uma chance de contribuir para a mudança na poluição das cidades e oceanos? E para a redução da morte de organismos por asfixia ou ingestão de plástico? Ao menos, haveria menos redes abandonadas no mar e menos plástico no oceano, de alguma forma.

No dia em que apresentei tudo isso e muitas outras possibilidades para meus colegas de trabalho, vários deles pediram demissão — mais do que eu conseguiria contar nas mãos. Porém, ainda assim, alguns rostos curiosos permaneceram na mesa diante de mim. Rostos curiosos e, também, alguns que pareciam surpresos.

Mas, é claro, mesmo aqueles que ficaram ainda tinham muitas perguntas. A primeira e principal delas foi: “se nós somos uma empresa de pesca que está retirando boa parte do seu esforço da pesca em si e o destinando para outras medidas ligadas à sustentabilidade, de que forma permaneceremos no mercado do pescado?” E eu venho respondendo que há pelo menos dois caminhos já sendo desenvolvidos pela ciência e por sociedades humanas pelo mundo: a maricultura sustentável, que será o nosso objetivo a partir de agora, ou também... por que não tentar mudar os nossos hábitos alimentares, considerando a maneira como, cada vez mais, a vida no planeta tem sido ameaçada pela forma como o ser humano o explora? Por que não deixar o capítulo da pesca para trás e mover essa empresa para novos objetivos mais associados à busca pelo bem estar de todos os seres vivos na Terra?

Eu ainda tenho muito o que estudar e aprender junto aos meus colegas de trabalho, mas estou cansada de tirar coisas do mar (e da Terra) e devolver apenas lixo. Quero fazer algo novo. É ingênuo demais querer mudar o mundo? Talvez não, depois de ter virado um cetáceo por causa da maneira como esses animais são explorados e ameaçados pelos humanos. Talvez não, depois de ter vivido uma metamorfose desse tipo.

Todos os dias, ao me deitar, eu passei a sonhar com a possibilidade de salvar o mundo inteiro, ser a grande protetora dos cetáceos e dos oceanos. Também já me senti absurdamente mal por não saber de tudo que agora é tão claro antes de toda a minha experiência como toninha. Mas adianta pouco me culpar pelo que eu não sabia antes. O importante é mudar a maneira como eu vivo, munida de tudo que eu sei agora depois de ter me dedicado a estudar e continuar tentando entender o que nos cerca e o que se passa, efetivamente, no nosso planeta.

E, agora, eu sou uma humana-cetáceo. Parte dos dois mundos, mensageira entre eles, com uma missão para cumprir. Não posso dizer se meu pai está orgulhoso de quem eu sou ou do que estou fazendo com sua antiga empresa, mas, de uma maneira ou de outra, eu estou. E essa empresa agora é minha para lapidar como couber melhor a esse mundo que precisa de tanta mudança.

Eu não poderia ser mais grata por tudo isso ter acontecido comigo. E eu me pergunto por que fui eu. Também me questiono: quem será que orquestrou tudo isso? Foi o José? Quem mais poderia ter sido? São tantas perguntas que ainda perduram depois de retornar à terra firme. Mas, de toda forma, que bom que fui eu. Que bom que, dentre todas as outras pessoas, tudo isso me aconteceu.

Agora, sinto que tenho um sentido para viver que não existia antes. José, aquele boto-cor-de-rosa evasivo com sua orientação inicial, Letícia e tudo o que ela continua a me ensinar, e o mar por si só... eles me deram um futuro. Agora, eu sei onde estou, o que quero, o que espero e pelo que eu luto. Não há nada como um momento de clareza sobre os motivos pelos quais estamos aqui e pelos quais buscamos forças para nos levantarmos todos os dias.

Agora, eu tenho esperança. Porque eu me dedicarei a ajudar a construir um amanhã para as toninhas. E, inevitavelmente, para os humanos.



Agradecimentos

É incrível ver este livro pronto e comparar este momento com quando ele parecia uma ideia maluca demais para ser executada. Agradeço ao professor Marcos e ao Leandro, que me ajudaram a deixar esse livro lindo como está agora.

Sou grata pelo apoio da minha mãe, dos meus avós, da minha irmãzinha e das minhas amigas, que sempre me motivam e me dão coragem para continuar. Nilo, meu gato e meu melhor amigo, ilumina minha vida com sua presença, e sou sempre grata por tê-lo por perto. Também agradeço à Sabrina e ao meu padrasto, os leitores beta dessa estória que me ajudaram bastante, principalmente com encorajamento. Minha tia e minhas primas também sempre me trazem força através da forma como se alegram com qualquer coisa que faço. E Camila, minha psicóloga, também merece estar aqui, como uma das pessoas que me ajuda a acreditar mais em mim.

E, é claro, agradeço a você por ter lido.

Iris.



O Laboratório de Biologia da Conservação de Mamíferos Aquáticos (LABCMA) do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, estabelecido em fevereiro de 2011, vem desenvolvendo e aprimorando as suas frentes de extensão cultural ao longo do tempo. Com mais conhecimentos científicos, mais experiências didáticas, e com o avanço das tecnologias envolvidas no compartilhamento de conteúdos educativos, as inovações sempre se fizeram presentes. Neste sentido, de 2021 em diante, após uma imersão na literatura disponível sobre as estratégias de comunicar ciências a não cientistas, uma robusta linha de produtos educativos vem sendo gerada para atender distintos públicos-alvo, contando sempre com uma boa estória de fundo e um objetivo claro. Todos os produtos gerados estão disponíveis em livre acesso na página web <sotalia.com.br>.

#entremarés 

